ROSINE LEFORT E O DESEJO DO ANALISTA: CAMINHOS PARA UMA PRÁXIS QUE APOSTA NO SUJEITO

O trabalho que aqui se segue está inserido no projeto de IC intitulado “Ato, desejo do psicanalista e nomeação na clínica e no trabalho institucional com sujeitos autistas” do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral, sendo resultado parcial do mesmo. Sendo financiado pela Fundação Cearense de Desenvolvimento Tecnológico e Científico (FUNCAP). É importante que se ressalte isto, haja vista que, apesar de toda a escamoteação que a educação vem sofrendo, nós seguimos resistindo.

Na contemporaneidade, encontramos uma psiquiatria, em particular a estadunidense, apoiada em um ideal de pureza e neutralidade da ciência, ao modo que manuais diagnósticos são construídos com base em critérios ditos a-teóricos, ainda que carreguem em seu bojo uma mixórdia conceitual, misturando epistemologias distintas. Logo, em sua concepção de infância não é diferente. Ao privilegiar aspectos orgânicos, temos um discurso biomédico que reduz a criança a objeto de intervenção, promovendo uma ortopedia como proposta de tratamento, corrigindo “inadequações” ou mascarando-as. Por outro lado, temos o conceito de desejo do analista, caro à psicanálise, que se afasta de uma intersubjetividade, e, conseqüentemente, de uma posição na qual o profissional sabe o que falta à criança, que irromperia em uma instrumentalização do tratamento, com um Outro invasor, principalmente em casos graves e de institucionalização.

Ao aparecer como falta-a-ser, o analista possibilita a emergência do desejo do sujeito em tratamento, na medida que não atende a uma complementação imaginária, uma das formas de chamarmos a exigência de normalização. Encontramos na obra de Rosine Lefort um aporte para discutirmos o lugar do psicanalista em instituições, com destaque para os casos graves, considerados intratáveis, que exigem em demasia do repertório subjetivo dos envolvidos, colocando em xeque a posição de saber inerente ao discurso médico.

Assim, este trabalho intenta discutir a noção de desejo do analista com o caso Marie-Françoise, de Lefort, ao modo que tal exercício nos traz apontamentos para uma práxis que sustenta a função de analista e aposta no sujeito. Vale destacar que este posicionamento não invalida a necessidade de um trabalho interdisciplinar, uma vez que também se faz necessário, mas se objetiva romper com um discurso que reduz a criança a um objeto de intervenção.

O caso de Marie-Françoise, foi tratado e escrito pela psicanalista Rosine Lefort, cujo o brevíssimo tratamento se passou no final de 1952, por cerca de dois meses, e ocorreu numa instituição parisiense, a *Parent-de-Rosan*, na qual funcionava como abrigo temporário para

crianças de 6 meses até 3 anos, que estavam afastadas de suas famílias pelos mais diversos motivos.

A pequena Marie-Françoise tem 2 anos e meio quando se inicia o tratamento com a sra. Lefort, ela já viveu em vários lares até esse ponto, mas as famílias acabavam por não prosseguir com a adoção. É uma criança que se enquadra no diagnóstico de autismo. Quando a Rosine Lefort a vê pela primeira vez alguns aspectos da criança lhe saltam os olhos, a saber: Marie-Françoise tem um olhar que erra no vazio e dá a impressão de um muro; é muito retraída, não tem contato com adultos ou crianças ao seu redor e sua relação com objetos se dá, unicamente, por via da ponta de seu dedo indicador ou de seu nariz, que serve como um substituto da boca; não fala coisa alguma; assim como não anda sozinha, apenas quando sustentada, ainda que na maioria das vezes se recuse. Sozinha, ela desloca-se sobre as próprias nádegas; tem um balanceio muito característico, que toma todo o seu corpo, ou às vezes apenas parcialmente, por via da cabeça ou braços; capaz de algumas explosões de raiva, nas quais bate com sua cabeça no chão e grita estridentemente; também tem crises noturnas, contraí o rosto, range os dentes, grita, revira os olhos, com um escorrer de saliva; embora todos esses sintomas apontem para um quadro epilético, o eletroencefalograma é normal; tem bulimia depois de ter tido anorexia. (LEFORT; LEFORT, 2017)

Acrescento a isso que, logo durante as primeiras sessões, a sra. Lefort aponta que o dilema no qual a pequena está, caro a condição autística, “destruir ou ser destruído”, uma vez que o Outro só pode advir no Real com um não furado e precisa ser descompletado para que possa ser tolerado, ainda que minimamente. É nesse sentido que a sua pulsão de destruição aparece pela violência exercida por Marie-Françoise com o mundo, como essa tentativa de descompletar, furar um Outro que só pode ser sentido como invasor, “uma ameaça de intrusão intolerável” (LEFORT; LEFORT, 2017).

Desta forma, ainda se faz necessário chamar a atenção para um testemunho muito importante, Rosine Lefort salienta que o atendimento se deu antes de qualquer formação teórica (psicológica ou analítica) e que usou o que tinha à sua disposição para desenvolver suas formulações (LEFORT; LEFORT, 1984, p.3). No entanto, “uma advertência da advertência”, a sra Lefort retoma este caso em diferentes momentos de seu percurso, seja no final dos anos 70 ou quando retoma sua discussão já no início do século XXI, oferecendo novas perspectivas sobre as sessões a partir de suas formulações. Soma-se a isso que, em distintos momentos, tanto a importância de sua análise nos tratamentos, quanto do tratamento das crianças para sua formação analítica são destacadas. Assim advertidos, vou citar um trecho do seu livro “A distinção do autismo” para prosseguirmos com a discussão:

Que eu tenha acompanhado essas crianças durante minha própria análise, enquanto trabalhava minha própria relação com a falta, isto é, a falta do objeto, e não o engodo do bom objeto a ser encontrado, não foi sem consequências para o centramento dessas crianças sobre a falta, na relação que entretinham com o objeto. [...] Ainda mais, minha posição de analisante era tal, que eu não podia senão estar sensível a um vazio que se abria para elas, tal como se abria para mim. (LEFORT; LEFORT, 2017, p.19).

A partir desta citação, de saída, já se pode extrair uma formulação muito cara ao Desejo do analista, um desejo forte tal como Lacan formula no seminário 8, que se pode caracterizar como o desejo de se haja análise, que ela seja levada adiante, um desejo que não se trata de “chegar às vias de fato com seu paciente, de tomá-lo nos braços ou atirá-lo pela janela.” (LACAN, 2010, p.233). Não se tratou de assumir uma posição materna por parte da Sra. Lefort. O que o seu relato nos indica é uma aposta de que se tratam de sujeitos, e isto é fundamental, rompe com um discurso biologizante que tudo sabe por e para o sujeito e, é por isso, só pode aparecer como invasivo. A sra. Lefort abre espaço e sustenta no Real de seu corpo a clínica com crianças em grave sofrimento psíquico. Ela lida com o “resto”, com a agressividade, o excremento, com o que é rejeitado.

É uma clínica que só pode ocorrer com a centralidade da falta, com uma destituição subjetiva por parte do analista, o que não significa esgotar o inconsciente ou, muito menos, um *furor sanandi*, mas estar advertido de que não se pode desejar o impossível, de ter feito um luto de “um bem maior”. É aí outro aspecto fundamental do desejo do analista, não se trata do desejo de ser analista ou de querer a “cura” para o analisante. Se trata de um desejo de deixar a desejar, abrir espaço para uma alteridade, para que o sujeito possa emergir. Isso se dá na posição de X (ics em francês) que é como Lacan grafa a posição do desejo do analista. Não se trata de responder às demandas e aplacar, seja com um discurso biologizante ou de um discurso de caridade, mas trata-se de um desejo vazio que não deseja nada por ou para o analisante. Assim, temos a dimensão de falta-a-ser por parte do analista, produto de sua análise.

Com estas considerações, parte-se para uma cena fundamental do caso, a última sessão, na qual depois de uma breve preparação para a separação, Marie-Françoise tem de se despedir de sua Analista que irá deixar a instituição. Nessa cena, quando a pequena deixa os braços de Rosine para ir para o colo de uma enfermeira, surge um apelo. Marie-Françoise, que inicialmente só podia se expressar como resposta ao dilema “destruir ou ser destruída” pode assumir na última sessão a posição de sujeito por via de um apelo, pelo significante “mamãe, mamãe”, mais uma vez saliente os recorrentes abandonos que fizeram parte de sua vida. Infelizmente o tratamento não se deu continuidade, e justamente por isso é muito difícil saber quais as consequências dessa primeira abertura.

Mas de toda forma, esta cena não perde seu caráter central no caso, recorro a uma citação da Profa. Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro (2001, p. 6), para traçar seus desdobramentos:

Se aquilo que nós analistas, de Francis Tustin a Rosine Lefort, conseguimos obter na clínica do autismo é o estabelecimento, em graus variáveis, de alguma alteridade para o sujeito, não foi isso que Lacan propôs como a própria definição do desejo do analista, ou seja, o desejo de obter a diferença pura?

Trata-se de uma afirmação em forma de pergunta. E é nesse estabelecimento da alteridade que foi possível emergir um apelo, esse desejo do analista para Lacan que não é puro, e sim “um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele.” (LACAN, 2008, p. 267)

Para concluir, é nesse caminho do falta-a-ser por parte do analista, que alteridade pôde aparecer, a diferença absoluta, na medida que abre o espaço para que o desejo do analisante possa aparecer como desejo do desejo do Outro. O significante pôde emergir aí, à medida que a pequena Marie-Françoise foi capaz de tomar a Rosine Lefort como um Outro não-invasivo e estabelecer algum grau de simbolização. Encontramos no Desejo do Analista um operador que torna capaz de unir sobre o mesmo nome o tratamento de neuróticos, psicóticos, adultos e crianças. Porque não se trata de um enfoque na técnica, pelo contrário, isso é o que tem de mais variável entre as clínicas. Se trata de uma ética, a ética do desejo que é o elemento invariável no tratamento psicanalítico. É essa aposta que se faz, sempre apostar no sujeito.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. **O nascimento do Outro**. Salvador: Fator, 1984

LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. **A distinção do autismo**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

REVISTA MARRAIO: autismo, o último véu. Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos/ Formações clínicas do Campo Lacaniano, n. 2, 2001.